

Resta pouco a dizer

2011

Por Jean-Claude Bernardet

RESTA POUCO A DIZER, excelente espetáculo (Teatro Anchieta) de Fernando e Adriano Guimarães, alterna textos curtos de Samuel Beckett com performances. Na primeira, dois atores ficam imersos em dois tanques de água já na entrada do teatro; nas seguintes, apenas a cabeça é imersa. O que poderia parecer uma extravagância vai revelando, no decorrer do espetáculo, uma rigorosa lógica interna. Essa lógica é a da respiração. E da antirrespiração, da apneia, quando a cabeça está imersa. Assim que a cabeça sai da água, a boca toca um texto em disparada mecânica. O primeiro texto é “Respirar é um ato obrigatório”, que, salvo engano, foi utilizado pelos mesmos Guimarães em outra performance aquática no SESC Paulista há alguns anos.

O que isso tem a ver com Beckett? Fica claro na terceira peça, *JOGO* (1962), em que três personagens metralham o diálogo, seguindo didascália do dramaturgo projetada numa tela durante o espetáculo. Essa fala metralhada exige uma forte inspiração que permita articular a maior quantidade possível de texto até que, esgotado o fôlego, uma breve pausa prepare nova inspiração (afinal, ninguém é de ferro). Assim se estabelece uma relação entre respiração, emissão de texto e imersão na água. Algumas dicas guiam o espectador: a peça que precede *JOGO* é *ATO SEM PALAVRA*, pode ser tomada como contraponto a uma peça de fala disparada (por outro lado, *ATO* é um Escher ou um Moebius dramático; além disso, alguns textos do espetáculo são ditos em forma de anel). Outro contraponto: as performances apresentadas entre as peças de Beckett consistem em um ou mais atores ficarem em pé diante de um balde d’água e se curvarem até a cabeça ficar imersa, ora *JOGO* apresenta personagens enfiados dentro de caixas das quais emergem apenas as cabeças. Outra conexão entre *JOGO* e a primeira performance: uma campainha, tocada por um mestre de cerimônia, indica o momento exato em que os atores devem entrar na água, onde ficarão até não aguentar mais, emergirão e imediatamente dispararão o texto até novo toque da campainha. Essa estrutura evoca a escolhida por Beckett em *JOGO*, em que a campainha é substituída por um canhão de luz que só ilumina um ator — e só fala o ator iluminado. O canhão de luz dispara o texto como a campainha o interrompia.

O eixo conceitual de *RESTA POUCO A DIZER* (muito pouco mesmo) é a respiração, ato obrigatório que o espetáculo transgride (até certo ponto, atores e atrizes permanecem vivos até o fim do espetáculo).

Gostaria de acrescentar uma observação sobre o texto metralhado que, ao limite, é incompreensível. A preocupação básica dos atores é a precisão de articulação das sílabas, uma mais do que breve pausa entre as palavras e a quantidade de texto que conseguem emitir a cada inspiração. Assim, o texto, mesmo a história triangular de *JOGO*, deixa de ser um relato pessoal ou uma comunicação entre pessoas, deixa de ser uma área de

expressão da subjetividade, de ser modulado pelas entonações e o tempo das emoções. Volto à minha obsessão: *JOGO DE CENA*. A partir do momento em que o texto deixa o corpo que vivenciou a experiência relatada e que foi o primeiro narrador, ele ganha autonomia. Sua autonomia textual se presta a uma interpretação realista emocionada, como no filme de Coutinho, mas pode igualmente, e sem nenhum problema, se tornar um texto chispado mecanicamente, área de trabalho da respiração (a qual não estará mais a serviço das emoções) ou de qualquer outro parâmetro que se queira.

É um espetáculo preciso, dinâmico, que nunca perde o tônus.

Texto publicado no blog do autor (<http://jcbernardet.blog.uol.com.br>), 14 de janeiro de 2011.